



**Resenha do livro *Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino*. PILATI, Alexandre, Pontes Editores, Campinas, São Paulo, 2017.**

*Wellington Augusto Silva<sup>1</sup>*

Na área de Letras, em meio à vastidão de temas, assuntos, métodos e teorias, há poucos consensos. Pode-se dizer que, em relação ao ensino de literatura, um deles é a necessidade de lê-la mais e com mais profundidade na escola básica, precisamente nesse espaço, por vezes degradado e vilipendiado, em que estudo e vida costumam se dissociar. Se poesia não se aprende na escola, talvez um dos imperativos de nosso tempo seja o de afirmar que é lá onde se deve aprender a construir sentidos – tanto para a poesia como para o mundo.

Consciente da urgência dessa tarefa, o professor e poeta Alexandre Pilati oferece a seus leitores o comunicativo *Poesia na sala de aula*. Além da incidência no debate sobre a formação do leitor literário, que esperamos nada pequena, o livro, certamente, terá efeito na prática de professores de literatura Brasil afora. Inscrito na melhor tradição dos textos de intervenção pedagógica, Pilati alinha ideias para se reposicionar no campo em que atua há tempos. *Poesia na sala de aula* remonta seus instrumentos: a leitura crítica e produção poética brasileira e internacional, o estudo das formas estéticas e o conhecimento do seu aparato teórico. Em sua nova obra, essa experiência de anos a serviço da crítica dialética e da teoria literária imantará o lugar onde se deve (ou deveria) construir leitores humanizados, no seu sentido mais pleno: a escola pública de educação básica.

Sabedor do peso das palavras, o professor Pilati é generoso com seu interlocutor, a começar pela composição de seu título. Passando por pertinentes exemplos críticos e por poemas da

---

1 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: [silva.wa@gmail.com](mailto:silva.wa@gmail.com)



literatura nacional, chegando às recomendações bibliográficas, relevantes e atualizadas. Com respeito ao leitor, ele afirma oferecer “*subsídios*” para “*pensar*” a “*função*” da literatura em “*ambiente de ensino*”. O leitor sensível perceberá a diferença e amplitude dos termos destacados, se comparados àquilo que lhe é oferecido cotidianamente: quase sempre “regras”, “definições”, “aplicações” na “escola”. Para professores da educação básica, quase sempre escorchados por muitos males – da violência física ao adoecimento mental, envolto pela indignidade de seus salários – o convite à reflexão acerca da literatura feito pelo autor deve ser celebrado como uma conversa respeitosa de amigos íntimos. Também nesse chamamento, Pilati pratica o que enuncia em sua Apresentação, com chave democrática:

Não tenho dúvidas de que a literatura, a arte e a poesia podem dar contribuição decisiva à formação dos jovens, nos contextos escolares, especialmente àqueles das classes menos favorecidas social e economicamente. Por isso, precisamos levar às salas de aula um bem social (a poesia, a literatura e a arte) que infelizmente tem sido sonogado aos estudantes. (PILATI, 2017, p. 12)

Caso tenhamos em mente a real categoria do magistério, que lida cotidianamente com diversas crueldades em seus locais de trabalho, e é por elas embrutecida, perceberemos que os interlocutores do livro poderão, além de buscar melhores formas de realizar conscientemente seu trabalho, descobrir que a experiência estética, além de fundamental para seus alunos, o é também para si próprios. Ou seja, em meio às brutalidades do mundo que os cercam, devem os professores também experimentar a vivência mediada pela forma estética; o educador que se educa ao educar. Por fim, trilhando a linhagem construída em torno de Antonio Candido, Alexandre Pilati rende bela homenagem prática ao Professor, ao transformar o programa pedagógico do crítico literário brasileiro, exposto em *Na sala de aula* (2007), naquilo que chama de “Laboratórios de leituraescrita”.

Dividido o livro em duas partes, a primeira “reflexão de natureza crítico-teórica acerca da poesia e de seu papel educativo” (p. 13), a segunda “sistematização um pouco mais cuidadosa de algumas atividades com textos poéticos da literatura brasileira em salas de aulas de diversos tipos e níveis de ensino” (p. 14), *os subsídios para pensar a literatura em ambientes de ensino* expõem etapas de um trabalho “apaixonado pelo concreto” (retomando mais uma vez o mestre Candido): busca conhecer os movimentos do objeto real, imergindo-se nele, descobrindo-lhe as categorias constitutivas, para reconstruí-lo no nível conceitual; ao sistematizar essas mediações, o objeto dá-se a ver na sua inteireza ao intelecto que, por sua vez, pode então tentar modificá-lo.

“O princípio da autonomia relativa da poesia”, “A educação como emancipação e o espaço escolar da poesia”, “*Somos todos poetas*”: leitura literária como ato criador de sentidos” e “A especificidade da leitura do poema” são os quatro capítulos que fornecem o aparato crítico e teórico do livro e que antecedem o quinto, “Laboratório de leituraescrita”. Tal qual uma constelação, os capítulos são inteligíveis em sua autonomia e luminosos quando lidos no conjunto. As referências em cada um deles, encontradas ao longo do que o autor chama de “diretrizes

para levar a poesia para a sala de aula”, configuram-se como súmulas da teoria crítica, literária e pedagógica. Como autor de um livro de professor para professor, Pilati não mistifica seus pressupostos: suas concepções de poesia (e de arte em geral), de educação, de leitores e as tarefas do magistério de Literatura e de Língua são expostas claramente, todas à luz das particularidades históricas, específicas a cada um dos termos, cujo processo concreto se realizará no terreno da sala de aula.

Em relação ao objeto em tela, o autor nos apresenta uma argumentação orientada acerca do princípio ordenador de sua proposta. Em relação à poesia, no capítulo em que a trata teoricamente, com a leveza, fundamenta-se em “respeito à especificidade da linguagem poética como forma de conhecimento da realidade, formação estética e humanização dos educandos e dos educadores” (p. 27). É a partir desse ponto que assistimos a uma concepção complexa do que seja a poesia como “transfiguração da realidade”. Na perspectiva adotada por Pilati para defender seus pressupostos, ressoam polêmicas acirradíssimas da Teoria Literária, vividas no século XX, contudo abordadas pela mediação em que se lastreia o pensamento de Antonio Candido. Levando para o terreno da sala de aula essa concepção de poesia, tanto distante dos vários formalismos quanto dos sociologismos, ambos vulgares, mas com larga herança no ensino convencional, Pilati faz com que o leitor se depare com conclusões, que aqui deixamos como amostras do seu estilo. Acerca da constituição do valor estético da poesia:

fundamenta-se na dialética entre dados do mundo externo ao texto e os dados internos do texto. Há um **processo** que relaciona esses dois planos que precisamos aprender a considerar para poder ensinar literatura. A forma artística consequente é aquela que reordena os fatos externos ao poema, conferindo a eles um novo valor. (PILATI, 2017, p. 30, grifo no original)

Assim qualificada, a poesia exige do professor de literatura o trabalho de tornar visíveis:

(ou conscientes, ou inteligíveis) as relações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente dos poemas. Ora, isso se pode realizar com mais eficácia e aprofundamento se assumimos a relativa autonomia do texto literário como princípio ordenador da prática pedagógica de literatura. (p. 31-32).

O leitor saberá avaliar o quão exigente é a postura profissional assinalada acima, cujo caráter histórico e democrático corresponde a uma concepção de educação emancipatória, foco do capítulo seguinte.

Para o autor, educação possui movimento, potencial político e está sujeita às dinâmicas históricas, portanto, construída por seres humanos, inseridos no plano das lutas sociais cotidianas. Acompanhando Meszáros, Pilati compreende que a educação “como emancipação exige clareza em relação a esse comprometimento com a formação dos educandos em sentido amplo e moral” e a emancipação como “produção de uma consciência verdadeira em relação a si mesmo e a respeito das relações que são estabelecidas com outros sujeitos sociais” (p. 43). Na esteira de Adorno, o processo emancipatório passa a ser visto como “exigência política” do nosso

tempo de barbárie. E a escola, fundamentalmente a *pública*, precisa “desescolarizar o ensino da poesia” (p. 45). A hipótese tem um quê de ironia, que se desbasta com os termos do autor. Se “*a poesia não é apenas beleza infensa à realidade; ela é beleza que torna para nós a realidade mais intensa*” (p. 47, grifos originais), a escola que precisa desescolarizar seu ensino de poesia não é a de ensino convencional, que reproduz a alienação e as injustiças do mundo do capital, senão outra, a comprometida em criar contra-hegemonia; a que combate o amoldamento dos filhos das classes populares ao presente eterno de desigualdades; trata-se, enfim, de uma escola voltada para os interesses históricos das classes subalternas, em cuja presença a arte “estimule a atividade, a produção, a criatividade dos alunos” (p. 49). Do ponto de vista que lhe cabe, a hipótese provocativa da “desescolarização da poesia” é assim expressa:

Fugir, de forma consciente, dessa rotina de mecanização, alienação e passividade, através do estímulo à produção de uma leitura pelos estudantes, o que jamais se dissocia da prática da expressão oral e da produção textual. Isso só se faz, a meu ver, se o professor se comportar como um exigente crítico literário, que rejeite as leituras pré-moldadas e os formulários de leitura. (p. 62)

Uma escola que se pautar nessa hipótese precisa, ao lado do direito humano à literatura, estar cônica do “direito à descoberta”, em que “os alunos não são meros receptores passivos do ‘pretensso conhecimento isento de ideologia’” (p. 49).

Criação, produção, leitura, atividade. Palavras-chave no conceito de leitura literária exposto no terceiro capítulo, cujo título se insurge contra a ideia de passividade do ato da leitura. “Somos todos poetas” porque nos encontramos “reconciliados com nossa capacidade humana de nos desdobrarmos em um outro” (p. 54). Pela sua concepção dialética de trabalho, o autor reconhece os vários momentos do processo de produção de uma obra de arte, o que, ademais, lhe permite uma crítica aos formatos escolares tradicionais: tanto da literatura lá domesticada bem como do papel rígido das posições sociais e pedagógicas lá desempenhadas. O leitor saberá notar também consonâncias entre a hipótese para o ensino de poesia e os círculos especializados do debate pedagógico, assim como seus adversários e seus interlocutores. A respeito destes, sob a luz de Gramsci, assistimos no capítulo à ênfase da *ação* no processo de aprendizagem, ao lado de uma rejeição de concepções liberais de sujeito educando. À luz de Candido, a exposição da “crítica viva” como um saber docente, paciente e prévio ao encontro com os alunos. Instruídos por esses dois Antonios, os professores têm excelentes caminhos para revisarem sua prática.

A meta fundante desse trabalho de construção de leituras estéticas seria, portanto: “tornar nossos alunos capazes de construir hipóteses válidas e independentes, além de torná-los capazes de expressar tais hipóteses de modo coerente e compreensível (...) de acordo com o nível de ensino e à medida de cada texto” (p. 64-65). O leitor também notará que estes objetivos vêm acompanhados de um debate crítico contra o que o autor chama de “leituras prontas”. Vale muitíssimo o exemplo da ponderação sobre a “leitura **vale tudo**”: escondida sob o manto de suposta liberdade, a repetição do senso comum. Não se pode deixar de assinalar a relação estabelecida

entre esse tipo de leitura e um dos distintivos de nosso tempo: ao confirmar o que o leitor já sabe de antemão e não lhe propor novas questões a serem descobertas, essa leitura **vale tudo** termina por celebrar “a rejeição da validade da categoria da totalidade na interpretação do mundo, a qual se combina com a hipervalorização da perspectiva individualista” (p. 69). Destaque-se o exercício crítico, estético e político, em que o autor argumenta contra essa leitura fragmentária e fetichizada:

Uma leitura crítica do mundo relaciona-se com uma leitura crítica da palavra e, nesse caso, a prática de leitura da literatura pode ajudar, de forma original e significativa, na construção, por parte do aluno, de certas “lentes” que facultam uma apreensão mais complexa da língua, da linguagem literária, das expressões humanas, das relações sociais, dos sentimentos, dos afetos, das emoções (p. 68)

A necessidade de o professor possuir instrumentos apurados e um método claro de seu ofício são pressupostos para uma leitura literária capaz de descrever o funcionamento do texto do mesmo modo que consiga avaliá-lo, produzindo assim sentidos. O assunto do quarto capítulo, “A especificidade da leitura do poema”, demonstra parte dos modos de produção de sentidos do texto poético.

O leitor instruído no debate contemporâneo acerca dos temas da formação do leitor literário se defrontará com instigantes reflexões sobre educação literária bem como a própria natureza da leitura literária. Pilati defende abertamente a especificidade deste tipo de leitura, composto de habilidades específicas para reflexão e valoração estética do texto, e o faz com a solidez de sua já apresentada concepção dialética e moderna da literatura. Ao passar em revista pelas mediações do gênero e da forma, das relações essenciais para uma leitura crítica, o autor incide diretamente em temas atuais naquele campo de debate: seus quatro parâmetros metodológicos de abordagem do poema, os caminhos para o leitor desvendar a “natureza” do texto e os princípios, recolhidos mais uma vez do mestre Candido, sugerem caminhos profícuos para qualquer professor em busca de uma renovação de suas práticas docentes no ensino de literatura.

O destaque do capítulo, evidentemente, vai para os “planos fundadores do ato de ler literariamente” (p. 83). Aqui, sem qualquer fetichismo por nomenclaturas teóricas, Alexandre Pilati vai, passo a passo, indicando as quatro dimensões de sua concepção de leitura literária: nomeação; descrição, avaliação, extrapolação. Acompanhando a explicação de cada uma delas, sintetiza-se um conjunto de perguntas, nas quais ressoam notas de importantes polêmicas da teoria literária.

O encerramento do livro fica a cargo do quinto capítulo, “Laboratórios de leituresscrita”. Deixemos ao leitor o sentido democrático do neologismo que batiza as atividades. Contudo, assinalemos que, por meio delas, pode-se notar a habilidade do autor ao executar a transposição metodológica e didática de sua anterior argumentação crítica, exemplificando, com paciência e rigor, parâmetros bem informados para as atividades sugeridas. O reiterado aviso de que os

laboratórios são roteiros abertos à (re)construção futura, variável em função da criatividade, ilustra como a consciência criativa do professor interessado na formação crítica do leitor literário pode, de fato, dotar a escola pública de sentido emancipatório.

Na contramão dos obscuros individualismos, Alexandre Pilati convida os leitores a compartilharem consigo suas experiências. Eis mais uma lição do professor desmontando o mito do trabalho docente solitário. Ao convite por ele feito na última orelha de seu livro, que não pode passar despercebido, esperamos que Pilati receba muitas boas notícias acerca da necessária reflexão sobre o ensino de literatura.